

AINDA SOBRE AS BIOGRAFIAS DE SÃO VICENTE PALLOTTI

STILL ON THE BIOGRAPHIES OF SAINT VINCENT PALLOTTI

Juliano Dutra¹

Resumo: O artigo é a continuação de uma discussão, iniciada em 2018, sobre as diversas biografias de São Vicente Pallotti escrita desde sua morte até os dias de hoje. Replicando as observações críticas de F. Silveira, tentamos esclarecer a divergência de nosso ponto de partida. Ele é historiográfico e não teológico. Esta perspectiva diversa (mas não a única) leva a que caracterizemos, ainda uma vez, a problematicidade das narrativas biográficas para a história. O tema da periodização e das imagens – “máscaras” e “fotografias” – usadas para caracterizar as biografias também são retomadas. Assim, mesmo admitindo a legitimidade da posição teológica de Silveira,

Abstract: The current paper is an extension of the discussion, begun in 2018, on the various biographies on St Vincent Pallotti written from his death till the present days. Replicating F. Silveira’s critical remarks, we try to clarify the divergence of our starting point. It is historiographical and not theological. This diverse perspective (but not the sole one) leads us to characterize, once again, the problematic nature of biographical narratives for history. The theme of periodisation and the images – ‘masks’ and ‘photographs’ - used to characterize biographies are also taken up. Thus, even admitting the legitimacy of Silveira’s theological position, we continue to insist

¹ Doutor e professor de História da Igreja na Faculdade Palotina (FAPAS) de Santa Maria e Diretor do Instituto Sul-Americano de Estudos Palotinos (ISEP); e-mail: julianodutra@gmail.com.

continuamos a insistir na importância da perspectiva histórica que leva à necessária e consciente tarefa de continuamente reescrever a vida de Vicente Pallotti fundamentalmente para apresentar uma imagem do santo relevante para os nossos dias.

Palavras-chave: Vicente Pallotti. Biografia. Histórica e/ou teologia.

on the importance of the historical perspective that leads to the necessary and conscious task of continuously rewriting the life of Vincent Pallotti in order to present an image of the saint relevant to our days.

Keywords: Vincent Pallotti. Biography. Historical and/or theological.

Introdução

No segundo número da *Rivista Apostolato Universale* do ano de 2018 escrevi um artigo onde procurei delinear alguns elementos gerais sobre as biografias de Pallotti, além de tentar estabelecer uma periodização das mesmas tendo como noção conceitual as imagens de ‘fotografia’, mas sobretudo de ‘máscara’².

A ideia principal subjacente era a de que, em cada um dos quatro períodos históricos apontados, os Palotinos/as apresentaram o seu Fundador de acordo com as situações das instituições internas e, mais amplamente, em sintonia com a situação eclesial, de modo que, o Fundador e sua fundação fossem considerados relevantes. Do ponto de vista teórico, jazia uma problemática historiográfica não insignificante: o modo de estabelecer as relações entre passado, presente e futuro; estaria em jogo, para usar um conceito de François Hartog, um certo regime

2 J. DUTRA, *Em torno das biografias de São Vicente Pallotti. Um Pallotti para cada período*, in «Apostolato Universale», 47 (2018), 105-133.

de historicidade³. Mais tarde, em 2020, o Pe. Fabian Silveira⁴ respondeu ao nosso artigo propondo um «diálogo acadêmico». Apesar do atraso, aceitamos o convite de dialogarmos e esperamos que outros se insiram nesta conversa. O campo acadêmico, como salienta Patrícia Cláudia da Costa, «é um espaço no qual as ideias são objeto de disputa e, ao mesmo tempo, armas dessa disputa». Segundo ela, porém, neste campo diferenciam-se as ideias. Assim, se algumas «são sólidas o bastante para sustentar paradigmas, correntes, teorias e uma infinidade de perpetuadores» outras, entretanto, são «apenas pontos de inflexão de uma teoria e servem para discutir fundamentos e apropriações». Um terceiro grupo de ideias, segundo a mesma autora, seriam aquelas ideias que não passariam de «tentativas de construir novos conhecimentos ou novas formas de compreender o já conhecido»⁵.

Em busca de que nossa ideia se sustente, pretendemos esclarecer e aprofundar nossa perspectiva. Começamos antes, porém, admitindo alguma falta de clareza e alguns erros ortográficos em nosso texto anterior. Mas – e isso é o mais relevante – talvez não tenhamos deixado tão claro o nosso ponto de observação: não era para ser um texto teológico, mas sim uma análise genérica – desde a perspectiva historiográfica – das narrativas sobre a vida de Vicente Pallotti que começaram a ser escritas logo depois de sua morte ocorrida no dia 22 de janeiro de 1850. Assim sendo, como ensinou Antonio Acerbi, na relação entre teologia e história, a maior contribuição que uma pode dar à outra é a autonomia das respectivas ciências; mas uma autonomia pautada pela perspectiva dialógica. E, segue Acerbi, dado que tanto a ciência histórica como a teológica, são sempre limitadas e também inadequadas aos seus objetos – que para uma é o passado humano, ou mais precisamente, a comunicação sobre o passado humano e, para a outra, a fé cristã – a atenção do teólogo (e também do historiador) às perguntas colocadas e às respostas

3 F. HARTOG, *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*, Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

4 F. SILVEIRA, *Las biografías de San Vincenzo Pallotti y el caleidoscopio*, in «Apostolato Universale», 50 (2020), 85-108.

5 P. C. da COSTA, *Ilusão biográfica: a polémica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu*, in «Revista Linhas», v. 16, n. 32 (2015), 53.

dados pelo historiador (e, respectivamente, pelo teólogo) são um estímulo para que cada um tome consciência tanto dos limites, das faltas, mas também das possibilidades de cada um dos respectivos campos de estudo. Neste sentido, a história seria uma instância crítica da má teologia, assim como a teologia, uma instância crítica da má história⁶.

1. História e/ou teologia

A premissa apontada acima serve para retomarmos a distinção básica daquilo que diferencia a nossa perspectiva daquela de Silveira. Se tomarmos isso em consideração, cremos que as divergências são irrelevantes em comparação com as preocupações que as divergências de posições aparentemente sinalizam. Seriam mais duas visões que se complementam, apesar da problematidade de uma posição do gênero, que duas que se autoexcluem.

As refletir sobre a nossa observação sobre o modo de articular passado, presente e futuro nas narrativas biográficas, Silveira concorda conosco para em seguida afirmar: «Con todo, nos preguntamos, ¿una biografía no apela también a un futuro todavía no realizado del carisma fundacional y del Fundador?». A pergunta retórica é articulada para justificar e aprovar o subtítulo da obra finalizada por Todisco⁷; o bispo Henryk Hoser⁸ também é chamado para embasar a defesa de que a história não só é escrita no presente, revisitando o passado, mas deve lançar-se para o futuro, isto é, o amanhã deve moldar a perspectiva histórica. Silveira, a seguir, é mais explícito na sua posição com uma frase lapidar: «La historia se escribe también desde los sueños no realizados

6 A. ACERBI, *Il profilo dello storico della Chiesa*, in «Anuario de Historia de la Iglesia» 5 (1996), 56-57. Y. Congar afirmou, em 1970, que a história poderia trazer à reflexão teológica um «sadio relativismo», *A história da Igreja, "lugar teológico"*, in «Concilium», 57 (1970), 888.

7 F. TODISCO, *San Vincenzo Pallotti, profeta della spiritualità di comunione*, Roma, Società dell'Apostolato Cattolico, 2004.

8 H. HOSER, *União do Apostolado Católico: a sinfonia "inacabada" de São Vicente Pallotti*, in A. LÓNDERO (org.), *Horizontes Palotinos*, Santa Maria, Biblos, 2002, 383-391.

del presente y del pasado»⁹. Esta afirmação é no mínimo problemática para uma reflexão mais ampla sobre o fazer historiográfico.

Que sempre mais, depois da revolução francesa, a história foi e é produzida como balizada pelo futuro, pelo seu horizonte de expectativa, estão aí a afirmar R. Koselleck¹⁰ e o já mencionado F. Hartog. Mas daí que ela deva trabalhar – construir a sua narrativa – e buscar levar adiante os «sonhos não realizados do presente e do passado» cremos sinceramente não ser sua tarefa. Entretanto, para além da discussão teórica sobre as narrativas históricas, acreditamos que a questão principal é outra. Fabián Silveira pensa a biografia desde uma perspectiva e expectativa teológica que, no nosso caso, tentamos não fazer. Que escrever uma biografia seja uma tarefa difícil por causa do hibridismo do gênero, recordou recentemente F. Dosse¹¹, mas a questão principal é que Silveira tem uma preocupação fundamentalmente teológica e não histórica.

Dentro dessa perspectiva, a sua preocupação com o futuro – da maneira como ele pensa que deva ser uma biografia – é legítima. Sem dúvidas. Mas a nossa é diferente, e Silveira admite, de fato, ao dizer: «Esta dimensión de futuro no vemos presente en las reflexiones del historiador»¹². Eis o cerne da divergência de opiniões que os artigos manifestam. Um é tentativa de um historiador e o outro é de um teólogo, mas ambos se propõem a refletir sobre as narrativas biográficas sobre o Padre Vicente Pallotti. A própria fundamentação teórica da afirmação de Silveira apenas mencionada, demonstra isso; de fato, o francês H. Marrou, apesar de ser um eminente historiador, na obra citada escreve como teólogo; faz «teologia da história».

Não vem ao caso de entrarmos na espinhosa questão do objeto da história da igreja, mas cabe mencionar, somente como ilustração, a posição do célebre historiador alemão Hubert Jedin¹³ e a argumentação do

9 F. SILVEIRA, *Las biografías de San Vincenzo Pallotti y el caleidoscopio*, 88-89.

10 R. KOSELLECK, *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro, Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

11 F. DOSSE, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, São Paulo, Edusp, 2022².

12 F. SILVEIRA, *Las biografías de San Vincenzo Pallotti y el caleidoscopio*, 89.

13 Dentre as várias referências de Jedin sobre o assunto, basta citar o texto inti-

já mencionado italiano Acerbi no artigo citado. A questão é saber se a história da igreja tem um objeto próprio – sendo, portanto, uma ciência autônoma – ou recebe o seu objeto da teologia. Vale dizer ainda, antes que uma argumentação apologética se interponha, que tanto Jedin como Acerbi são católicos, mais: ambos são teólogos e historiadores católicos, além de terem sido presbíteros.

Somente para ilustrar aquilo que viemos dizendo sobre os diferentes pontos de partida, citemos mais uma frase do texto de Silveira: «Toda biografía de Pallotti debería partir de Cristo “luz del mundo” (Jn 8, 12) quien iluminó la vida y obra de nuestro Fundador». O autor segue, então, justificando as vantagens de se partir deste critério cristológico fundamental¹⁴.

Ademais, uma observação crítica a nós feita de que talvez teríamos tentado propugnar a necessidade da impossibilidade da narração biográfica não submissa aos ditames hierárquicos ou tendenciosa, por princípio, ao afirmarmos que se tornou Pallotti «aceitável», esclarecemos: não quisemos afirmar a presença facultativa da Igreja ou o equívoco de narrativas biográficas que tentam responder mais às necessidades eclesiais dos tempos em que foram escritas que do próprio biografado¹⁵.

Quisemos, outrossim, dizer simplesmente que a presença eclesial determina a ‘seleção’ de alguns aspectos do santo, mas isso não é um problema. A história – como Silveira mesmo concorda – é sempre história do presente. A questão essencial é termos consciência da operação que foi feita. Ou seja, o importante é termos consciência das di-

tulado *Introducción a la historia da Igreja* que abre o seu clássico manual e que mais tarde foi publicado em forma de livro; cf. na versão espanhola *Introducción a la historia de la Iglesia*, in H. JEDIN (dir.), *Manual de Historia de la Iglesia*, t. I, *De la Iglesia primitiva a los comienzos de la Gran Iglesia*, Barcelona, Herder, 1966, 25-106; H. JEDIN, *Introduzione alla storia della Chiesa*, Brescia, Morcelliana, 1973.

14 F. SILVEIRA, *Las biografías de San Vincenzo Pallotti y el caleidoscopio*, 92-93. Cf. também a frase seguinte: «Escribir una biografía es contemplar la vida de una persona que ha sido inundada por la luz de Cristo», *Ivi*, 97 e, ainda, o último parágrafo do texto, *Ivi*, 105.

15 Uma posição, ademais, que o próprio F. Silveira critica quando caracteriza – como veremos mais adiante – aquilo que seria o segundo período da sua proposta de subdivisão, *Ivi*, 95-96.

stinções que a narrativa impôs ao biógrafo e um biógrafo condicionado: num tempo, num lugar e estudado com instrumentos específicos¹⁶. Esse condicionamento, aliás, fazemos também nós ao lermos a vida de um santo. Não basta conhecer a sua história, temos necessidade de que ele nos ‘diga’ algo relevante hoje. Essa ‘necessidade’, entretanto, não nos deve isentar da responsabilidade porque não é honestidade intelectual ignorarmos a problematidade de uma operação do gênero que é feita, justamente, em uma narrativa biográfica. Essa tentativa seria ainda mais problemática se levássemos em consideração a tese de Loriga¹⁷ de que um indivíduo não pode ser assimilado por uma entidade coletiva. Segundo ela, há sempre algo de singular – um “x” – inapreensível na história de cada um dos biografados e de todos os seres humanos.

2. A biografia do ponto de vista historiográfico

Ao longo do artigo de 2018, buscamos assim evidenciar a complexa problemática que se encerra na tarefa do biógrafo ao tentar narrar uma vida; e, isso desde o ponto de vista historiográfico. Mas ao fazermos essa operação não quisemos desprezar ou desconsiderar os que se lançam à essa empresa. O nosso texto quis ser um alerta para que os autores mesmos e, sobretudo, nós os leitores, tenhamos presente as questões teóricas subjacentes. Não vamos retomar toda a argumentação ali apresentada, mas somente discorrer um pouco mais sobre essa dificuldade.

Os historiadores, sobretudo ao longo do século XX, desprezaram o labor dos biógrafos como sendo um trabalho de plumitivos. Mas é muito séria aquela caracterização – chamada de «ilusão biográfica» por Bourdieu. O sociólogo francês observa que a tentativa narrativa que se pretende totalizante é ilusória porque trabalha com noções que, me-

16 Afirmções de Silveira que vão também nesta direção: «Una biografía necesariamente refiere al período histórico, social, cultural y eclesial del biógrafo»; «Un texto biográfico nunca será un relato neutro, imparcial o aséptico. Siempre es un relato comprometido que denota opciones, sentimientos, prejuicios y emociones de quien lo escribe», *Ivi*, 88.

17 S. LORIGA, *O pequeno x: da biografia à história*, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2011.

smo aquela baseada na cronologia, são artificiais. Na verdade, segundo Bourdieu, o autor não se dá conta que essas noções estruturais orientam a sua narração biográfica construindo ilusoriamente uma narrativa coerente, com início meio e fim, com perspectiva de sentido (de vida) etc. Para ele, portanto, escrever uma vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção – sem outro vínculo que não a associação a um «sujeito» cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio – é uma ilusão retórica¹⁸. Segundo Costa, Bordieu problematiza os relatos biográficos pelo fato de que eles incorrem em uma ilusão retrospectiva, ingênua e finalista ao atribuírem causalidades que nem sempre correspondem às trajetórias reais dos agentes sociais¹⁹. Na perspectiva de Bourdieu, era portanto fundamental ter em consideração as estruturas sociais, as colocações e os deslocamentos desse espaço social que interferiam numa trajetória de vida. Em todo caso, como relevante, vale recordar a complexidade da tarefa de escrever uma vida. Também a posição de Bourdieu nos recorda isso.

Uma compreensão semelhante tem F. Dosse. As primeiras linhas da sua obra – já citada – são esclarecedoras e, ao mesmo tempo, deixam transparecer a impostação da mesma:

Escrever uma biografia é um horizonte inacessível, que no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. Cada qual mobilizou o conjunto de instrumentos que tinha à disposição [...]. A biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor²⁰.

18 P. BOURDIEU, *L'illusion biographique*, in «Actes de la Ricerche en Sciences Sociales», n. 62-63 (1986), 69-72.

19 P. da COSTA, *Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu*, 55.

20 F. DOSSE, *O desafio biográfico*, 11.

Assim, escrever uma vida sempre foi vista, ao menos em âmbito francês, assim salienta F. Dosse, como sendo uma tarefa complexa. Isso porque a biografia oscila entre o polo do procedimento científico fundado no desejo de verdade e o polo estético que lhe empresta um valor artístico e que deve agradar o leitor²¹. Existe, pois, uma ambivalência de uma vida - atestada pelos fatos - e uma ficção. O bom biógrafo deve saber dosar essa ambivalência. Ele, ademais, «está numa relação de maior ou menor proximidade com respeito à personagem biografada, entre a onisciência pouco propícia ao gênero e a exterioridade total, também imprópria»²². A biografia - esse discurso híbrido - mistura, portanto, história, literatura e pitadas de subjetividade que leva, às vezes, ao paroxismo a relação entre biógrafo e biografado. Ou seja: «a escrita biográfica leva ao paroxismo os três polos que são o autor, o narrador e a personagem – e, segue Dosse – Hoje se compreende bem que a história é um fazer levado a cabo pelo próprio historiador e, portanto, até certo ponto dependente da ficção»²³. Mas voltemos a repetir: mesmo que complexa e difícil a impostação eminentemente histórica não invalida ou proíbe uma perspectiva que parta da teologia.

3. A legitimidade de uma perspectiva biográfica partindo da teologia

Se escrever uma biografia é sempre uma tarefa do presente, isso talvez seja ainda mais verdade quando o ponto de partida é claramente um postulado teológico, como é o caso de Silveira. Tanto mais isso é verdade pelo fato de estarmos discutindo sobre elementos da narrativa biográfica de um santo, São Vicente Pallotti.

Na verdade, a Igreja somente se pronuncia oficialmente sobre a santidade de vida de um dos seus fiéis mortos depois de aprofundar a relevância eclesial do santo não só para o seu tempo (passado), mas também para o presente. Assim, o postulador de uma causa de canonização quando apresenta o libelo ao bispo pedindo a abertura do pro-

21 Cf. *Ivi*, 56.

22 *Ivi*, 67.

23 *Ivi*, 71.

cesso, deve apresentar, além de uma biografia (ou, ao menos, uma cronologia ampla da vida do candidato), um escrito sobre a importância e relevância do candidato aos altares também para os dias em que se está pedindo a abertura do processo. Deste modo, anexo ao pedido do *nihil obstat* enviado à Santa Sé, o bispo envia à Congregação das Causas dos Santos – além da mencionada «breve relação sobre a vida do Servo de Deus» – não só um escrito em que busca demonstrar a importância eclesial do candidato no tempo em que ele viveu, mas também uma relação «sobre a importância da causa»²⁴. Em resumo, a Igreja quer saber se o exemplo de vida do candidato é relevante para se iniciar um processo seja para o reconhecimento das virtudes heroicas, da vivência da exemplar caridade ou da entrega da própria vida.

Esta justificativa é determinante para o início e para o prosseguimento de uma causa de beatificação e canonização. A perspectiva teológica é também relevante para uma biografia porque o modelo biográfico está calcado normalmente numa perspectiva exemplar. E isso, embora não claramente percebido, é muito funcional para a biografia de um santo. Ele de fato ‘deve ser’ modelo para os cristãos de hoje; esse é um dos pré-requisitos fundamentais.

Entretanto, a perspectiva historiográfica compreendida como *historia magistra* podemos dizer que teve seu fim com a revolução francesa e seus desdobramentos; isso teve incidências importantes na historiografia posterior. Esta perspectiva seria o antigo regime de historicidade proposto por Hartog. Ainda que essa distinção não se pretenda absoluta, no caso das biografias históricas em âmbito católico, parece não corresponder com as produções. Os que produzem biografias que se pretendem científicas do ponto de vista historiográfico, misturam história e teologia. Retomemos um exemplo nosso.

F. Amoroso ao introduzir a sua biografia sobre Pallotti em uma passagem já citada no nosso artigo anterior²⁵, recorda ao leitor, seu de-

24 CONGREGAÇÃO para a Causa dos Santos, *Normae Servandae in Inquisitionibus ab Episcopis Faciendis in Causis Sanctorum* (1983), nn. 7, 8-10, 11a, 11c e, especialmente 15c. Disponível em: <https://www.causesanti.va/it/documenti/normae-servandae-portugues.html>. Acesso em: 22 jun. 2023

25 J. DUTRA, *Em torno das biografias de São Vicente Pallotti*, 125-126.

stinatário, o seguinte: «*il mio principale interesse non è quello di offrirti un saggio di critica storica; voglio darti, si intende, un documento storicamente valido in una narrazione di agevole lettura; ma ciò che veramente mi preme è di farti scoprire in questo Santo l'Uomo della Verità, perché scoprendo la Verità, troverai la tua Verità*»²⁶. Não precisamos nos delongar sobre a clara perspectiva, mas que, como dissemos anteriormente, é legítima, e não só: do ponto de vista teológico ela é necessária. Sem esse objetivo creio que então uma biografia, neste sentido, perderia até mesmo a sua razão de existir. O problema-base é a honestidade do ponto de observação seja ele histórico ou teológico, isto é, ou fazemos história ou teologia e, embora estas ciências precisem dialogar, elas são autônomas.

4. A questão das 'máscaras' e das subdivisões

Uma das divergências mais acentuadas por Silveira no seu artigo diz respeito às imagens que usamos para tentar caracterizar as acentuações (e particularidades) biográficas produzidas ao longo das décadas a partir da morte do Padre Vicente Pallotti.

Neste sentido, Silveira propõe, ao invés das imagens de «máscara» e de «fotografia», a do caleidoscópio. No início do seu escrito, ele é claro a respeito: «Al concepto “máscara” o “fotografía”, presentes en el artículo, proponemos el de *caleidoscopio*, desde el cual, deseamos valorizar los escritos sobre Pallotti»²⁷. A dimensão dinâmica, instantânea e colorida da narrativa biográfica é mencionada para justificar a mudança de imagem²⁸ que, vale ressaltar, é tomada emprestada do Papa Francisco.

Na argumentação r sobre a necessidade de haver uma mudança na imagem usada, Silveira declara de modo contundente: «Creemos que las biografías escritas, no son por sí mismas, una máscara colocada sobre Pallotti». Todavia, esta mesma clareza não parece permanecer ao longo de todo o artigo. De fato, mais adiante, quando vai propor e tentar

26 F. AMOROSO, *San Vincenzo Pallotti romano*, Cinisello Balsamo (Milano), San Paolo, 2004, 5.

27 F. SILVEIRA, *Las biografías de San Vincenzo Pallotti y el caleidoscopio*, 87.

28 *Ivi*, 92.

caracterizar uma nova periodização das biografias, ele afirma: «A lo largo de la historia de la UAC hemos creído que algunos pronunciamientos eclesiales serían la realización completa del carisma de Pallotti y nos llevó tiempo comprender que *constitulan una nueva “máscara” que nos alejaba del santo*»²⁹; ou quando afirma que, «no haber hecho lo que se debió hacer en su debido tiempo, configura, a nuestro entender, la “máscara” más grande, radical y determinante que se haya fabricado y colocado sobre la vida y el carisma de san Vincenzo Pallotti»³⁰.

Mas para além da imagem buscada para melhor caracterizar uma biografia de Pallotti – e não cremos que as imagens de «máscara» e «fotografia» não sejam limitadas – a questão principal é veicular uma noção sobre o desenvolvimento histórico da narrativa biográfica sobre Pallotti. Esta foi nossa preocupação no artigo anterior. E nisso parece que, fundamentalmente, concordamos com Silveira. Ao menos é o que deduzimos da afirmação de que as biografias de um santo «Constituyen una mirada instantánea, personal e irreplicable del biógrafo, de su cultura, formación»³¹. A continuação da mesma citação que remete a Cristo – ou seja, ao fundamento teológico – trilha, porém, um caminho científico diverso do nosso, como mencionamos acima. Por isso, também estamos de acordo com uma afirmação como esta: «Un texto biográfico nunca será un relato neutro, imparcial o aséptico. Siempre es un relato comprometido que denota opciones, sentimientos, prejuicios y emociones de quien lo escribe»³².

As imagens que usamos eram-nos, portanto, funcionais para afirmar e descrever uma visão de Vicente Pallotti que pretendíamos sublinhar nos períodos em questão. Como imagens “fixas” elas serviram-nos para esta função. A limitação delas é talvez a sua falta de “maleabilidade” ou de seu “colorido”, como afirma Silveira. Nisso certamente o caleidoscópio é mais dinâmico. Mas se tomarmos as imagens usadas como

29 *Ivi*, 96 (grifo nosso).

30 *Ivi*, 94 e também na página seguinte, quando fala da necessidade de «un perenne *photoshop*», 95.

31 *Ivi*, 92.

32 *Ivi*, 88 e afirmações semelhantes na mesma página e em outros momentos do artigo.

meios que nos permitem observar a observação passada, creio que ainda são válidas. A imagem do caleidoscópio serviria mais talvez para caracterizar a narrativa biográfica comparada ao interno dos períodos. E, certamente, ela é mais apropriada hoje quando olhamos para a complexidade de uma narrativa biográfica; quando, além do mais, temos diante dos olhos a variedade das biografias produzidas ao longo de mais de um século e meio. Como “muleta” que ajuda a “fixar” a narrativa biográfica “no passado”, entretanto, tanto a “máscara” como a “fotografia”, segundo o nosso parecer, ainda são imagens válidas para observarmos as narrações dentro dos seus respectivos contextos.

Já o tema de uma nova subdivisão cronológica dos períodos de produção biográfica sobre Vicente Pallotti é plausível, mas é apenas mais uma. Isso porque periodizar a história é sempre um ato complexo e não isento de parcialidade. Le Goff afirma que a periodização é sempre cheia de subjetividade e de esforços feitos no sentido de produzir um resultado que possa ser aceitado pelo maior número de pessoas possível³³. A nossa subdivisão se baseou no dado quantitativo; ela partiu da constatação de um expressivo acréscimo de produção nos quatro períodos evidenciados. Assim, em cada um, procuramos evidenciar as imagens mais ‘comuns’ do Fundador procurando ler estas dentro do contexto eclesial indicado. Qual das duas subdivisões – ou ainda outras possíveis – é a mais razoável, o futuro dirá e será certamente casual e imprevisível.

Mas retomemos ainda uma vez o tema das imagens. Elas são sempre aproximações; têm suas vantagens e desvantagens. É uma questão de ênfase, podemos dizer, em última análise. O que, todavia, não podemos concordar é com a afirmação de que o problema das biografias (ou das hagiografias) esteja no fato de que os escritores iniciais se basearam sobretudo nas narrações orais porque não tinham acesso às fontes escritas³⁴. O acesso por si só aos escritos de Pallotti não é garantia de maior aderência à realidade. Se a biografia tem muito de ficção talvez o que mais conta é a habilidade do biógrafo em produzir textos que tenham relevância para seus leitores.

33 J. LE GOFF, *Il tempo continuo della storia*, Roma; Bari, Laterza, 2014, 6.

34 F. SILVEIRA, *Las biografias de San Vincenzo Pallotti y el caleidoscopio*, 87.

Com uma posição que pretenda legitimar-se somente a partir de suposto ‘acesso’ maior à realidade a biografia não terá muito sucesso nos dias atuais. Desde este ponto de vista, por exemplo, em tempos que a Igreja se propõe ao diálogo ecumênico, é difícil explicar a nós mesmos e aos nossos contemporâneos, a incômoda situação e constrangimento ao lidar com textos nos quais Pallotti é explícito em caracterizar as demais igrejas cristãs como cismáticas, heréticas e lugares da ação demoníaca³⁵. Uma posição histórica que ajude observar (conscientemente) o que Pallotti via quando escrevia distinguindo ações demoníacas e divinas, igrejas verdadeiras e cismáticas, homens santos e pecadores etc. talvez nos mais útil para quer contextualizemos os textos (anti-ecumênicos, diríamos hoje) de Pallotti e, portanto, compreendermos em que sistema social ele agia e intuir alguns elementos da evolução deste sistema. Assim, as passagens de Pallotti serão, provavelmente, menos incômodas.

A modo de conclusão: convite à continuação do debate

Para concluir por agora o nosso diálogo recordamos, segundo Dosse, que sempre novas biografias são escritas sobre os mesmos personagens não necessariamente porque «documentos inéditos» são descobertos, mas principalmente devido ao surgimento «de questões novas, de novos paradigmas interpretativos» além, é claro, devido à «intuição e ima-

35 Cf. por exemplo, um trecho da carta latina de 1849 de Pallotti aos sacerdotes da nação inglesa na qual Pallotti os exorta para que trabalhem pelo retorno do povo inglês ao catolicismo e, assim, «Mediante il ritorno all’unità cattolica [dell’Inghilterra] vengono strappate [le anime] dal dominio di Satana» (V. PALLOTTI, *Lettere latine*, Francesco Moccia (a cura di), Roma, Società dell’Apostolato Cattolico, 1998, 191). Outro exemplo é a frase presente nos seus escritos sobre a possibilidade de conversão da Inglaterra: «Non passa quasi un giorno che una qualche anima nobile e generosa, abjurata l’eresia, non entri nel seno della vera Chiesa, a rallegrarla colla sua sommissione e farla più rispettare co’ suoi talenti, e colle sue virtù; e che il suo esempio non attiri mille altre traviate pecorelle al vero Pastore universale [il Papa] nel vero ovile [la Chiesa]» (PALLOTTI, San Vincenzo, *Opere Complete. Scritti spirituali* (OCC), vol. XI/I, Roma, Curia Generalizia della Società dell’Apostolato Cattolico, 1980, 419-420).

ginação do biógrafo - ou seja, por sua capacidade inventiva»³⁶. Ou seja: as novas biografias sobre o mesmo personagem nascem do presente histórico do biógrafo que determina as novas questões a serem abordadas, dos novos paradigmas, mas também da sua capacidade literária.

Para o caso de um santo, a isso se acrescenta a própria natureza exemplar na qual está baseada a narrativa. Escrevemos, então, sempre novas biografias sobre Vicente Pallotti porque temos necessidade de apresentá-lo como relevante ao homem e à mulher contemporâneos. Disso depende a nossa adesão à sua Fundação, mas, em última instância, depende também a sobrevivência institucional de toda a obra de Pallotti. Nisso concordamos com Silveira³⁷.

Mas sublinhamos novamente: não tivemos, todavia, no nosso artigo anterior a pretensão de conseguir, «a través de la escritura paciente, rigurosa, científica, inter y trans-disciplinar», superar o discurso hagiográfico (sinônimo de falso, redutivo e unilateral para Silveira) de Pallotti³⁸. Não é possível ter uma biografia mais verdadeira. Do ponto de vista histórico, essa é uma outra ilusão. Duvidamos muito, por isso, de que recorrer aos escritos e aos testemunhos dos contemporâneos de Vicente Pallotti nos ajudará «a conocer al verdadero Pallotti»³⁹.

Para nós, portanto, o caminho mais honesto é assumir a precariedade de nosso ponto de observação. E, isso não nos permite, de maneira alguma, assumir a monumental e arriscada tarefa de juízes da história ou, no caso específico, das narrativas biográficas sobre Pallotti. Assumir com inteireza a tarefa de que outros possam continuar a escrever sobre Pallotti – partilhada por Silveira e por nós – é, no fundo, assumir com honestidade e coerência a ideologia própria de nossa observação. E aqui ideologia não é um aspecto negativo de uma posição. Ser ideológico é assumir que se observa – e, portanto, se distingue – desde um único ponto de vista; significa assumir, de modo teoricamente coerente, que toda observação e descrição é apenas mais uma. Significa, enfim, que não se trata de sujeitos que conhecem objetos, mas sim de observadores

36 F. DOSSE, *O desafio biográfico*, 68.

37 F. SILVEIRA, *Las biografías de San Vincenzo Pallotti y el caleidoscopio*, 85.

38 *Ivi*, 94.

39 *Ivi*, 101-102.

que descrevem e que, portanto, não podem escapar do ponto cego da própria observação. Sempre será necessário, portanto, uma observação de segunda ordem para mostrar como se distinguiu a primeira.

A consciência do nosso ponto de vista é, pois, uma das coisas mais decisivas em um debate científico do gênero, ou seja, no caso específico, em um diálogo entre história e teologia. Neste mesmo sentido, a justificação de uma nova subdivisão cronológica, como dissemos, é plausível, mas é apenas mais uma entre tantas outras possíveis. E a consciência da parcialidade e limitação da observação não diz respeito, em primeiro lugar, aos que são os protagonistas desse diálogo acadêmico, mas principalmente às ciências que balizam as suas reflexões. Se quisermos retomar então a relação entre história e teologia, poderíamos dizer que não é só saudável, mas desejável que elas se mantenham autônomas sendo, desse modo, instâncias críticas para uma teologia (ou história) de má qualidade.

Entretanto, mais importante que uma periodização que é sempre parcial e tendenciosa, é sim justa, desejável e, mesmo, necessária, como sublinha o nosso parceiro de diálogo, que venham à luz mais perspectivas femininas e laicais (elas não estão de todo ausentes) sobre a vida e a obra de São Vicente Pallotti⁴⁰. Novas observações e descrições são, portanto, bem-vindas.

40 F. SILVEIRA, *Las biografías de San Vincenzo Pallotti y el caleidoscopio*, 87, 97 e 104.

Referências bibliográficas

ACERBI, Antonio, *Il profilo dello storico della Chiesa*, in «Anuario de Historia de la Iglesia», 5 (1996), 43-57.

AMOROSO, Francesco, *San Vincenzo Pallotti romano*, Cinisello Balsamo (Milano), San Paolo, 2004.

BOURDIEU, Pierre, *L'illusion biographique*, in «Actes de la Recherche en Sciences Sociales», n. 62-63 (1986), 69-72.

CONGAR, Yves, *A história da Igreja, “lugar teológico”*, in «Concilium», 57 (1970), 886-894.

CONGREGAÇÃO para a Causa dos Santos, *Normae Servandae in Inquisitionibus ab Episcopis Faciendis in Causis Sanctorum* (1983). Disponível em: <https://www.causesanti.va/it/documenti/normae-servandae-portugues.html>. Acesso em: 22 jun. 2023.

COSTA, Patrícia Cláudia da, *Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das história de vida na sociologia de Pierre Bourdieu*, in «Revista Linhas», v. 16, n. 32 (2015), 51-71.

DOSSE, François, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, São Paulo, Edusp, 2022².

DUTRA, Juliano, *Em torno das biografias de São Vicente Pallotti. Um Pallotti para cada período*, in «Apostolato Universale», 47 (2018), 105-133.

HARTOG, François, *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*, Belo Horizonte, Autêntica, 2019 (coleção História e Historiografia).

HOSER, Henryk, *União do Apostolado Católico: a sinfonia “inacaba-*

da” de São Vicente Pallotti, in LÔNDERO, Ângelo (org.), *Horizontes Palotinos*, Santa Maria, Biblos, 2002, 383-391.

JEDIN, Hubert (dir.), *Manual de Historia de la Iglesia*, t. I, *De la Iglesia primitiva a los comienzos de la Gran Iglesia*, Barcelona, Herder, 1966, 25-106.

JEDIN, Hubert, *Introduzione alla storia della Chiesa*, Brescia, Morcelliana, 1973.

LE GOFF, Jacques, *Il tempo continuo della storia*, Roma; Bari, Laterza, 2014.

KOSELLECK, Reinhart, *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro, Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LORIGA, Sabina, *O pequeno x: da biografia à história*, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2011.

SILVEIRA, Fabian, *Las biografías de San Vincenzo Pallotti y el caleidoscopio*, in «Apostolato Universal», 50 (2020), 85-108.

TODISCO, Franco, *San Vincenzo Pallotti, profeta della spiritualità di comunione*, Roma, Società dell’Apostolato Cattolico, 2004.

VINCENZO PALLOTTI, santo, *Lettere latine*, Francesco Moccia (a cura di), Roma, Società dell’Apostolato Cattolico, 1998.

VINCENZO PALLOTTI, santo, *Opere Complete. Scritti spirituali* (OCC), vol. XI/I, Roma, Curia Generalizia della Società dell’Apostolato Cattolico, 1980.